



SINDICATO DOS BANCÁRIOS



DE LUTA POR DIREITOS E DEMOCRACIA

Íntegra do discurso da secretária-geral do Sindicato dos Bancários e Financiários de São Paulo, Osasco e Região, Neiva Ribeiro, na solenidade que marcou o centenário da entidade

Gostaria de começar o meu discurso destacando a honra em fazer parte dessa história. Falar do futuro na categoria é destacar também o nosso passado e nossas conquistas. A partir delas, fazer um planejamento dos nossos desafios.

Participar deste centenário - dos cem anos do maior Sindicato dos bancários do país e um dos maiores da América Latina - é um privilégio porque temos muito que comemorar. Nossas lutas são diárias, e o que temos de mais valioso é a união: união das nossas pautas e negociações em todo o Brasil, em uma Convenção Coletiva de Trabalho que completa 31 anos; união da categoria e união dos dirigentes, militantes e Sindicatos no país. E foi muito emocionante, ao participar dessa pesquisa (para o centenário no nosso site), ver que cada foto conta uma história. São histórias de pessoas corajosas, que saíram às ruas, enfrentaram os banqueiros, dialogam com a população... e, durante muitos anos, em uma época em que a luta dos trabalhadores era proibida... tudo por um trabalho e um país mais digno e justo. Então, para falar de futuro eu preciso primeiro agradecer a cada um que construiu essa trajetória: de forma coletiva e organizada.

Temos muitos desafios para as próximas décadas. Um deles é manter nossa política de aumento real e de ampliação na participação nos lucros e resultados. Há muitos anos os bancos ganham muito e isso tem de ser bem distribuído com os bancários e bancárias que constroem este resultado. Além disso, temos que nos organizar para que as novas tecnologias e formas de organização dos bancos não se traduzam em aumento do desemprego e das desigualdades.

Com as transformações na sociedade, o movimento sindical também está mudando. Estamos auxiliando na construção de uma nova etapa no país. E sabemos que os bancários servem de exemplo para outras categorias. Defendemos um modelo que fortaleça o movimento sindical e os trabalhadores, com a negociação coletiva valorizada e fortalecida; sindicatos representativos; representação sindical ampliada; autonomia sindical para a organização. Com a unidade sindical fortalecida e autonomia para regular e operar o sistema de relações do trabalho. Na prática, o modelo defendido é o que já acontece na categoria bancária: negociação coletiva forte, participação dos trabalhadores nas assembleias e transparência nas decisões. Mas podemos fortalecer nosso modelo ainda mais, ao estabelecer, por exemplo, que uma Convenção Coletiva tenha mais valor que os acordos coletivos, isso nos dará maior segurança jurídica para a negociação coletiva. É urgente que os sindicatos se fortaleçam para apoiar e defender seus trabalhadores.

Não dá para pensar na categoria bancária, por exemplo, sem dialogar com todo o ramo financeiro. Esse é um grande desafio para nós daqui para frente. Os bancos criam estratégias para a redução de custos. O barateamento da mão-de-obra é, necessariamente, precarização do trabalho. Há trabalhadores em diversos segmentos do ramo financeiro e, até mesmo, fora do mercado de trabalho formal. Com jornadas de trabalho superiores, com menores remunerações e garantias laborais inferiores, estes trabalhadores que não possuem os direitos da CCT dos Bancários, estão inseridos na cadeia de valor dos grandes bancos e são também responsáveis pela geração de riqueza para os conglomerados financeiros.

Precisamos voltar a pensar num sistema financeiro que não tenha como único objetivo dar lucro para seus acionistas. É preciso redução de juros e crédito sustentável e barato, que inclua as pessoas que precisam ser bancarizadas, que atenda as peculiaridades regionais e geracionais do país, que ajude a desenvolver áreas prioritárias como habitação, agricultura e educação, que ajude a economia a retomar o crescimento e gerar empregos, que destine recursos para projetos de infraestrutura no país. Do contrário as tendências aqui explicitadas vão se aprofundar nos próximos anos e teremos um sistema financeiro cada vez mais excludente, concentrador de renda e que funciona cada vez mais como um obstáculo ao pleno crescimento econômico e social do Brasil.

Vamos nos mobilizar em defesa dos trabalhadores para reverter os últimos anos de desmonte trabalhista. Considerando a contratação do bancário como terceirizado e utilizando como parâmetro a remuneração do trabalhador de telemarketing, a diferença anual de arrecadação incidente sobre a folha de pagamento cai em 96% por trabalhador. O Estado perde arrecadação, já que os impostos sobre a folha salarial são fortemente reduzidos. De outro lado, aumenta seus custos, pois tem que gastar mais com problemas de saúde decorrentes do trabalho precário e desemprego. Perde a classe trabalhadora, porque tem remuneração e benefícios reduzidos, empregos menos estáveis e mais inseguros, com menores possibilidades de organização sindical.

Acredito também na união dos trabalhadores em organizações internacionais. Como a UNI Global Union – sindicato global que tem mais de 150 entidades sindicais filiadas em todo o mundo, no qual fazemos parte. Nós, trabalhadores organizados em todo o mundo, temos um papel importante nesse momento: mobilizar e construir novas perspectivas para alcançar um futuro melhor, unindo os trabalhadores e propiciando a compreensão desse esquema perverso e sofisticado de exploração da mão de obra. Tivemos centenas de conquistas, em função do fortalecimento dos movimentos sociais e sindicatos no mundo. Acredito que uma delas foi a ampliação do processo de organização das redes sindicais. Conseguimos avançar do ponto de vista mundial e potencializamos o que a gente sabe fazer, que é ação sindical e intercâmbio de conhecimentos. Não existe uma resposta simples para as questões mundiais e locais, mas acima de tudo temos que pensar como classe trabalhadora, juntos, de forma unida e coletiva.

E o futuro do trabalho? Estamos numa era cada vez mais digital. Vivenciamos as transformações tecnológicas. O tão comum processamento de dados, aqui chegou primeiro. Vieram os caixas eletrônicos, as transações via internet e hoje temos na palma das nossas mãos inúmeras possibilidades. Em 2021, 67% das transações financeiras foram feitas através de smartphones. O PIX chegou pra ficar! Mas não podemos esquecer que os trabalhadores bancários não são somente aqueles que estão nas agências físicas. Por trás de cada serviço moderno há um trabalhador, que é igualmente bancário. Estes trabalhadores, estes bancários, têm ampliado o lucro dos bancos e estão cada vez mais presentes na categoria, que é crescentemente mais diversa. Os bancários e bancárias estão distribuídos nas agências tradicionais, nos centros administrativos, nos bancos digitais e em suas próprias casas.

Entendemos que todas estas inovações tecnológicas e organizacionais impactam o mercado de trabalho. Sabemos que a tecnologia amplia ainda mais a intensidade do trabalho. Se ela permite maximização de lucros e rentabilidade para banqueiros deve da mesma forma beneficiar trabalhadores. Não somente de forma financeira. Nossa vida é o nosso maior bem. Por esta razão, estamos cada vez mais atentos às questões da saúde mental e nos debates que envolvem a vida social dos trabalhadores fora dos locais do trabalho. Neste sentido, já está nossa pauta reivindicatória jornada de quatro dias na semana sem redução de salários. Reivindicamos mais tempo livre de ser. Mais tempo para que possamos ter uma vida mais plena.

Por fim, observamos com preocupação uma tendência de plataformização e fragmentação da categoria. Mas não observamos de braços cruzados. Para novos desafios, são necessárias novas respostas. Assumimos nosso compromisso com a classe trabalhadora. Assumimos um papel protagonista. Que venha o futuro, que venham mais 100 anos de lutas e vitórias!